

Manuel Leal da Costa Lobo | José Geraldo Simões Júnior  
organizadores

# URBANISMO DE COLINA

## Uma tradição luso-brasileira



PRESS



Universidade Presbiteriana Mackenzie

SANTOS



# URBANISMO DE COLINA

Uma tradição luso-brasileira



Coleção AcadeMack 14

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

*Reitor:* Benedito Guimarães Aguiar Neto

*Vice-reitor:* Marcel Mendes

COORDENADORIA DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

*Coordenadora:* Helena Bonito Couto Pereira

EDITORA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

*Conselho editorial*

Helena Bonito Couto Pereira (*Presidente*)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

*Coordenadora editorial*

Joana Figueiredo

APOIO:

FUNDO MACKENZIE DE PESQUISA (MACKPESQUISA)

*Presidente:* José Francisco Hintze Júnior

EDITORA IST PRESS, DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

*Diretor:* Pedro Lourtie

*Coordenador editorial:* Joaquim Moura Ramos



Manuel Leal da Costa Lobo | José Geraldo Simões Júnior  
organizadores

# URBANISMO DE COLINA

## Uma tradição luso-brasileira



DOS OS



PRESS



Universidade Presbiteriana Mackenzie

SANCTOS



Copyright © 2012 organizadores.  
Todos os direitos reservados à Universidade Presbiteriana Mackenzie, ao Mackpesquisa e à IST Press. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mackpesquisa e IST Press.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira/Manuel da Costa Lobo, José Geraldo Simões Júnior, organizadores. – São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mackpesquisa e IST Press, 2012. (Coleção Academack; v. 14)

Vários autores

ISBN 978-85-7916-072-1

1. Arquitetura 2. Cidades 3. Cidades de colina – Brasil 4. Cidades de Colina – Portugal 5. Urbanização I. Lobo, Manuel da Costa. II. Título.

11-01883

CDD-711.4

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Cidades de colina: Tradição luso-brasileira: Urbanismo 711.4

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
Rua da Consolação, 930  
Edifício João Calvino, 7º andar  
São Paulo – SP – CEP 01302-907  
Tel.: (5511) 2114-8774/2114-8785  
E-mail: editora@mackenzie.br  
Site: www.editora.mackenzie.br

EDITORA IST PRESS  
Instituto Superior Técnico  
Av. Rovisco Pais, 1  
1049-001 – Lisboa – Portugal  
Tel.: (+351 21) 841 76 59 (Ext. 1659)  
Fax: (+351 21) 841 76 14  
E-mail: ist-press@ist.utl.pt  
Site: www.istpress.ist.utl.pt

Foi feito depósito legal



# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b>	João Ferrão	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	Manuel Leal da Costa Lobo e José Geraldo Simões Júnior	<b>15</b>
<b>1</b>		
<b>PARADIGMAS URBANÍSTICO-AMBIENTAIS DAS CIDADES LUSO-BRASILEIRAS</b>		
	Gilda Collet Bruna	<b>43</b>
<b>2</b>		
<b>SALVADOR: ANTECEDENTES URBANÍSTICOS E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA COLINA</b>	José Geraldo Simões Júnior	<b>89</b>
<b>3</b>		
<b>CIDADE NA COLINA: O SÍTIO HISTÓRICO DE SÃO PAULO</b>		
	Candido Malta Campos	<b>123</b>
<b>4</b>		
<b>O BAIRRO DE SANTA TERESA NO RIO DE JANEIRO</b>		
	Fernanda Magalhães	<b>175</b>
<b>5</b>		
<b>AS COLINAS DE VILA RICA DE OURO PRETO</b>	Roberto Righi	<b>201</b>
<b>6</b>		
<b>O BAIRRO DE ALFAMA EM LISBOA</b>	Sara Portela e Manuel Leal da Costa Lobo	<b>255</b>
<b>7</b>		
<b>VILA DE ÓBIDOS: TÉCNICA E POÉTICA</b>		
	Rita Castel’Branco e Fernando Nunes da Silva	<b>321</b>
<b>8</b>		
<b>O CASO DE COIMBRA</b>	Carlos Veiga e Lusitano Moreira dos Santos	<b>375</b>
<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO DE FUTURAS CIDADES DE COLINA</b>	Manuel Leal da Costa Lobo, Fernando Nunes da Silva e José Geraldo Simões Júnior	<b>429</b>
<b>ANEXO: RECOMENDAÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DE ANTIGAS CIDADES DE COLINA</b>	Manuel Leal da Costa Lobo e Fernando Nunes da Silva	<b>449</b>





# APRESENTAÇÃO

---

JOÃO FERRÃO\*

---

\* Pesquisador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.



**E**ste é um livro sobre a tradição luso-brasileira de urbanismo de colina. A “Introdução” esclarece o leitor sobre o que está em causa: estudar os processos de ocupação das áreas de colina pelas cidades brasileiras e portuguesas a partir de uma matriz interpretativa comum, o modelo “lusitano” de adopção de locais elevados como sítio fundacional de novos aglomerados.

O objectivo do livro é, portanto, muito claro. Mas o trabalho desenvolvido ultrapassa-o, suscitando múltiplos ângulos de leitura. Na verdade, esta publicação é, em simultâneo, um manual de geopolítica, uma história das ideias, um relato de jogos de poder, um compêndio de urbanismo, no limite, um guia de boas e más práticas.

O livro corresponde a um verdadeiro exercício de inteligência colectiva, uma característica nem sempre presente em obras produzidas por vários autores: coerente do ponto de vista teórico e metodológico, poderoso no modo como enquadra e sintetiza os casos analisados, hábil na forma como suscita comparações, claro na maneira como deduz recomendações. Talvez como poucos, este livro tira partido de uma visão interactiva de realidades e saberes presentes nos dois lados do Atlântico, reunindo estudos de caso, autores e



instituições do Brasil e de Portugal unidos por esse fenómeno aparentemente paradoxal que são as cidades de colina.

Um livro com este objectivo e assim produzido é uma homenagem merecida ao encanto particular, tão sublinhado ao longo dos diversos capítulos, das cidades irregulares *ordenadas* – isto é, com uma ordem subjacente – que sucessivas gerações ajudaram a construir, desenvolver e qualificar em sítios vistos como improváveis, ou mesmo desaconselháveis, pelas várias perspectivas de modernização racionalista que foram emergindo ao longo da história. Por essa mesma razão, o livro é também um libelo acusatório contra todos aqueles que, através de intervenções desadequadas ou por inacção, não reconheceram a ordem subjacente às cidades de colina nem valorizaram a sua natureza específica.

Caberá ao leitor viajar pelos diversos capítulos, descobrindo-os sequencialmente ou ziguezagueando ao sabor das suas preferências, valorizando a qualidade dos textos ou a riqueza iconográfica das figuras, detendo a sua atenção em aspectos particulares ou desenvolvendo comparações pessoais entre as diversas cidades estudadas.

Nesta “Apresentação” optámos por destacar apenas quatro aspectos.

O primeiro refere-se à clássica dicotomia unidade – diversidade.

Foram sete as aglomerações estudadas: Salvador, São Paulo (sítio histórico), Santa Teresa (Rio de Janeiro) e Ouro Preto, no Brasil; Alfama (Lisboa), Óbidos e Coimbra, em Portugal. Para todos estes casos, é o sítio escolhido – uma colina – que cria um pano de fundo comum: as restrições que se colocam a uma implantação urbana numa área de colina; e um padrão de estruturação urbana que procura, ao longo do tempo, acomodar-se organicamente a essas restrições.

Mas a par dessa unidade, que dá sentido e significado ao livro, existe uma diversidade assinalável. O contraste mais óbvio ocorre entre os dois países considerados: Brasil, com processos de urbanização historicamente mais curtos, marcados por uma relação colonial de cerca de trezentos anos e por uma aceleração recente muito acentuada do crescimento urbano; e Portugal, com uma história mais longa e diversificada. Mas se tomarmos em consideração outros critérios – perfil dos actores políticos e sociais com maior responsabi-

lidade na evolução das cidades estudadas, dimensão demográfica e ciclos de prosperidade e declínio, tipos de normativas e políticas urbanas, entre outros – facilmente nos apercebemos que as sete aglomerações analisadas constituem uma constelação de situações não redutíveis a uma narrativa única.

De facto, esta constelação inclui situações bastante diversificadas: vilas (Óbidos), bairros urbanos residenciais (Alfama/Lisboa, Santa Teresa/Rio de Janeiro) e centros históricos (as restantes cidades); aglomerados de colina programados, como Salvador, ou fruto de dinâmicas espontâneas de expansão com origem em áreas mais baixas, como Ouro Preto; realidades urbanas estruturadas por diferentes poderes e interesses, uns organizados e de natureza política, eclesiástica ou social, outros mais difusos e inorgânicos.

Esta dialéctica unidade – diversidade é particularmente interessante na medida em que permite valorizar a aprendizagem entre pares, isto é, entre entidades públicas, comunidades científicas e técnicas, organizações e populações com objectivos e preocupações comuns – evitando, ao mesmo tempo, a tentação de recorrer a soluções únicas mesmo para áreas de intervenção com óbvios traços comuns.

O segundo aspecto diz respeito a uma outra dicotomia: filiação e ruptura.

É surpreendente, face à ocorrência de contextos e circunstâncias tão diversas ao longo do tempo e entre o Brasil e Portugal, como em várias dos aglomerados estudados se verificam linhas de continuidade significativas no modo como os elementos e estruturas do tradicional paradigma luso-brasileiro de urbanismo de colina vão sendo reciclados e aprofundados através de sucessivas ocupações, fases de crescimento e intervenções urbanas.

É certo que, nalguns casos, esta persistência reflecte períodos mais ou menos longos de decadência, como sucede em Óbidos ou em Ouro Preto, ou é garantida por processos de classificação e salvaguarda do património existente (Ouro Preto, Salvador). Mas a persistência de traçados viários, conjuntos de praças, edifícios simbólicos e até de frestas urbanas e respectivos sistemas de vistas coexiste igualmente com processos de modernização e mesmo de revitalização urbana.



A mudança não implica necessariamente ruptura. Na verdade, esta apenas ocorre de forma declarada nos casos em que as visões de racionalização moderna implicaram a destruição da ordem irregular preexistente. A Alta de Coimbra e sobretudo São Paulo ilustram bem esta situação. Neste último caso, a própria topografia deixou de ser reconhecível e os únicos vestígios do antigo centro histórico são uma viela e um edifício que resultou da junção de dois sobrados coloniais!

A dialéctica filiação – ruptura presente nas cidades estudadas – é relevante na medida em que nos mostra, por um lado, que é decisivo garantir modelos de desenvolvimento urbano inclusivos, e por isso com sentido para os seus residentes (Alfama, Santa Teresa, Salvador), e, por outro, que é importante identificar recomendações para intervenções contemporâneas de construção em colinas, úteis tanto para a reabilitação de estruturas existentes como para o desenho urbano de novas urbanizações.

O terceiro aspecto relaciona-se com a clareza com que este livro revela o poder decifrador das interpretações histórico-geográficas.

Ao reconstituírem os contextos históricos (políticos, culturais e sociais) e geográficos (sítio de implantação e posição estratégica face a espaços mais vastos) que dão significado ao surgimento e desenvolvimento das cidades de colina, os autores conferem inteligibilidade a processos complexos e de resultado contingente.

Esta leitura histórico-geográfica da génese e transformação (positiva e negativa) das cidades de colina vale, naturalmente, por si própria. Mas vale, também, pelo sério aviso que representa: o futuro destas cidades não é linearmente previsível nem está automaticamente garantido por sistemas nacionais ou mesmo internacionais de classificação patrimonial. Esse futuro constrói-se e essa construção exige uma agenda transformadora que saiba conciliar tradição e transição, filiação e mudança, revitalização e modernização inclusiva, conhecimento técnico-científico e participação dos cidadãos, inovação local e abertura ao exterior.

Finalmente, o quarto aspecto a salientar refere-se ao modo fascinante como este livro testemunha o desenvolvimento, ao longo da história, de um comple-

xo mapa de fluxos internacionais e intercontinentais de ideias, conhecimentos e competências.

Afinal, como – e por que razão – viajam os referenciais e paradigmas sobre a “boa cidade” entre espaços tão diferentes, em épocas tão distintas, mobilizando “mensageiros” tão variados, dos engenheiros militares às ordens religiosas, dos arquitectos e urbanistas de diversos países aos decisores políticos nacionais e locais do Brasil e de Portugal, dos avaliadores da Unesco aos promotores imobiliários e turísticos?

As análises desenvolvidas pelos autores dos vários capítulos permitem reconstituir parte desta malha de influências, sublinhando o papel decisivo de distintos actores colectivos e individuais, mas também os poderes e interesses por eles explicitamente defendidos ou implicitamente apoiados.

Se fosse vivo, Orlando Ribeiro, o geógrafo português que melhor formulou a importância do *sítio* e da *posição* no desenvolvimento urbano, teria apreciado este livro e aprendido bastante com ele. Este é, por certo, o maior elogio que podemos fazer aos autores dos capítulos que se seguem. Inteligente a decifrar o passado, perspicaz a desvendar o presente e útil para equacionar o futuro, este é um livro inevitável para quem acredita no valor prospectivo desse legado luso-brasileiro, tão mágico quanto improvável, a que chamamos cidades de colina.



Este livro apresenta uma ampla abordagem a respeito dos processos tradicionais de ocupação das áreas de colina nas cidades brasileiras e portuguesas, associados à tradição da urbanística lusitana de ocupar sítios em locais elevados para a fundação de cidades.

Sete são as cidades estudadas: Lisboa, Coimbra e Óbidos, em Portugal, e Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Ouro Preto, no Brasil. A partir da compreensão histórica da organização espacial e da estruturação dessas cidades, são identificadas possíveis semelhanças, disparidades, regularidades e rupturas.

No Brasil, ao longo dos dois primeiros séculos, assim como em Portugal, essas cidades de colina tiveram sua estrutura fortemente apoiada na rua direita, nas igrejas e em seus largos fronteiros, no rossio e numa disposição de traçados viários em consonância com os condicionantes topográficos, definindo uma singular morfologia para as quadras urbanas e os parcelamentos.

Na conclusão deste estudo, constata-se o potencial que um melhor entendimento do tema provoca, por exemplo, na definição de políticas governamentais, no incremento do turismo, por meio da valorização da memória e da cultura, e na abrangência social que poderão ter políticas adequadas a esses espaços muitas vezes frágeis de nossas cidades mais antigas, de forma a preservar um modo próprio de fazer cidade, marca dessa tão relevante tradição urbanística portuguesa.

ISBN 978-85-7916-102-5

